

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DA PRÁTICA EDUCATIVA A UMA EDUCAÇÃO PELA PRÁTICA: SABERES PEDAGÓGICOS E SABERES DA EXPERIÊNCIA

Júlio César Virgínio da Costa

Doutor em Educação pela UFMG

UFMG/Centro Pedagógico

juliocesarhistoria@gmail.com

Esse trabalho pretende refletir sobre as aulas de história de duas docentes da educação básica que promovem práticas educativas na interface com o museu e a literatura de divulgação científica. O texto e a tessitura que enredam essas práxis apresentam inúmeros saberes em conexão com a dialogia dos e com os educandos das instituições onde as docentes atuam.

Saberes que se formaram em uma trajetória de cerca de 30 anos de experiência dessas docentes e de reflexões sobre a própria trajetória que as levaram a mobilizar práticas que extrapolaram as salas de aula e descortinaram “janelas” para outras questões e adentraram, via literatura, as “portas” do museu e retornaram às salas.

A experiência analisada nos possibilita afirmar que algumas questões curriculares muito cristalizadas foram rompidas e outras perspectivas foram postas em ação.

Dentro desse contexto, vamos analisar as entrevistas concedidas pelas docentes e as interações entre as mesmas e seus alunos nas aulas gravadas durante a pesquisa, e, assim, refletirmos sobre a natureza da práxis dessas aulas e sua operacionalização na perspectiva reflexiva.

Palavras-chave: Ensino de história, museu/literatura; práxis docente.

Introdução: a pesquisa

Esse texto pretende refletir sobre as aulas de história de duas docentes da educação básica que promovem práticas educativas na interface com o museu e a literatura de divulgação científica. O texto e a tessitura que enredam essas práxis apresentam inúmeros saberes em conexão com a dialogia dos e com os educandos das instituições onde as docentes atuam.

Saberes que se formaram em uma trajetória de cerca de 30 anos de experiência dessas docentes e de reflexões sobre a própria trajetória que as levaram a mobilizar práticas que extrapolaram as salas de aula e descortinaram “janelas” para outras questões e adentraram, via literatura, as “portas” do museu e retornaram às salas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dentro desse contexto, vamos analisar as entrevistas concedidas pelas docentes e as interações entre as mesmas e seus alunos nas aulas gravadas durante a pesquisa, e, assim, refletirmos sobre a natureza da práxis dessas aulas e sua operacionalização na perspectiva reflexiva.

Essa pesquisa foi realizada entre 2012 e 2014, a pesquisa de campo, e defendida em 2016 na Faculdade de Educação da UFMG como parte dos quesitos para a obtenção do grau de doutor.

Acompanhamos duas docentes de história que atuam na educação básica em Belo Horizonte, uma da rede municipal e outra da rede privada, e que promoveram práticas educativas em ambientes museais e com apoio/suporte da literatura, mas especificamente, de uma literatura de divulgação científica. Literatura esta que pode ser percebida como veículo de divulgação da ciência, de um modo geral, e com finalidades educacionais.

O espaço onde partes das práticas foram desenvolvidas foi o Museu da PUC-Minas. Que foi fundado no início da década de 1980, portanto, um museu com mais de trinta anos e que recebe aproximadamente, segundo informes da direção, cerca de 50 mil visitas por ano. É um museu que trata da pré-história brasileira/mineira e de outras temáticas ligadas às Ciências Naturais.

Desenvolve atividades científicas, educativas e culturais. O Museu é um espaço interdisciplinar da universidade que complementa sua extensão de serviços à comunidade. Conforme o próprio sítio da PUC-Minas nos informa,

a missão do Museu é promover o interesse dos visitantes pelas ciências naturais, por meio de exposições, educação e pesquisa. É objetivo do Museu preservar o patrimônio natural, histórico e cultural do Brasil. (Disponível em http://www.pucminas.br/museu/index_padrao.php?pagina=214)

Portanto, é dentro desse contexto e acrescentado as aulas gravadas e as entrevistas com as docentes que coletamos várias fontes/documentos para a realização da pesquisa e que aqui passamos a compartilhar e refletir a partir de alguns trechos de entrevista e transcrição das práticas nas salas de aulas que foram gravadas e analisadas.

A prática educativa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A prática educativa, em qualquer circunstância, é por si só, um ato complexo, fruto de um processo, e que certamente não pode ser apreendido em toda sua significação. Mas, cremos que seja possível uma aproximação desse processo que é cotidianamente efetivado em milhares de escolas e salas de aula de nosso país. Especialmente aqui retratado nas aulas e em entrevistas das duas docentes de história que trabalharam com o ensino da Pré-História brasileira na interface com a visita pedagógica ao museu de Ciências Naturais da PUC Minas e da leitura da obra *Os Meninos da Planície: Histórias de um Brasil antigo*.

Acreditamos que essas práticas possam ser momentos instigantes e que oportunizem outras possibilidades de reflexão sobre nosso estar no tempo e ao longo do tempo. Cremos também que mobilizar essas práticas torna a escola um espaço de mais possibilidades, outras interpretações e leituras de mundo e do ensino de história, nesse caso específico.

Claro que essas possibilidades não se inscrevem sem conflitos, dúvidas, tensões, diálogos, criações e recriações de sentidos, até porque acreditamos que os estudantes não são e estão passivos nesse processo.

As escolas pesquisadas ofereceram nas práticas empreendidas e nas diversas áreas envolvidas “janelas” abertas para o despertar de outras “paisagens”, a partir da leitura da história em diálogo com a geografia, com o inglês, com a literatura, com as ciências e artes. E também expectativas criadas nos estudantes e todo trabalho formativo envolvido nessa relação que se concretiza por meio de ações, atividades, reflexões e momentos formativos na pré-visita, na visita escolar e no pós-visita.

Pensamos que é na dinâmica dos tempos da pré-visita, visita e no pós-visita que se realiza a apreciação da prática que foi vivenciada e com desdobramentos formativos importantes que podem possibilitar uma aproximação ou apreciação na relação entre docentes e estudantes das possíveis aprendizagens, dos questionamentos, das inquietações, das reflexões e das questões que possam envolver essa prática mediada pelo museu, mas ancorada na escola.

Compreendemos que essa prática deve começar na sala de aula, antes da visita, com diversas atividades, com os mais diversos materiais possíveis e com vistas a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

provocar questionamentos e buscar promover o despertar para questões que estejam em consonância com as relações sociais cotidianas.

Consideramos que por parte da escola a articulação desses tempos (pré, durante e pós) que estão imbricados nessa prática possa ser de fundamental importância para a preparação dos educandos para a vivência o mais substancial possível da aprendizagem da cultura.

Por parte dos docentes, a visita educativa pode ser momento especial de reflexão sobre o processo vivido, dos desafios do fazer docente e sobre os conteúdos extra-formais que se expressam nas interações.

Consideramos que a pré-visita, a visita e o pós-visita são processos que não se expressam comumente em temporalidades estanques ou segmentadas, apartadas. Acreditamos que se realizam de forma intrincada, sobrepondo-se uns a outros de forma reflexiva, articulada, vindo a expressar-se objetivos e propósitos que a princípio seriam combinados ou enunciados, por exemplo, no pré-visita, ou somente no pós-visita.

Dentro desta lógica, Zabala (2010) ainda nos esclarece que,

[...] os estudos da prática educativa a partir de posições analíticas destacaram numerosas variáveis e enfocaram aspectos muito concretos. De modo que, sob uma perspectiva positivista, buscaram-se explicações para cada uma destas variáveis, parcelando a realidade em aspectos que por si mesmo, e sem relação com os demais, deixam de ter significado ao perder o sentido unitário do processo ensino/aprendizagem. Entender a intervenção pedagógica exige situar-se num modelo em que a aula se configura como um microssistema definido por determinados espaços, uma organização social, certas relações interativas, uma forma de distribuir o tempo, um determinado uso dos recursos didáticos, etc., onde os processos educativos se explicam como elementos estreitamente integrados neste sistema. Assim, pois, o que acontece na aula só pode ser examinado na própria interação de todos os elementos que nela intervêm.

Mas desde uma perspectiva dinâmica, e desde o ponto de vista dos professores, esta prática, se deve ser entendida como reflexiva, não pode ser reduzida ao momento em que se produzem os processos educacionais na aula. A intervenção pedagógica tem um antes e um depois que constituem as peças substanciais em toda prática educacional. O *planejamento* e *avaliação* dos processos educacionais são uma parte inseparável da atuação docente, já que o que acontece nas aulas, a própria intervenção pedagógica nunca pode ser entendida sem uma análise que leve em conta as intenções, as previsões, as expectativas e a avaliação dos resultados. (ZABALA, 2010, p. 16-17).

E, por fim, pretendemos observar e identificar através das narrativas e da prática das docentes de história se a natureza do saber evocado e/ou construído pelo ensino de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

história perpassado pelo museu e mediado pela literatura de divulgação científica na relação sujeito-conhecimento esclarece o sentido do conhecimento histórico produzido por essas práticas no que se refere ao tratamento das temporalidades no ensino da Pré-História brasileira.

As reverberações de uma prática potente

Professora: Bom, nós fizemos anterior à visita, a gente fez alguns estudos de textos de preparação, de discussão do tema do que seria a pré-história na América, pré-história no Brasil, inclusive com a discussão do que é o termo pré-história, como ele podia ser dialogado.

No retorno do museu, a gente teve algumas propostas, então a gente teve uma plenária. Primeiro eles fizeram registro sobre a experiência da visita e a gente faz o que eu chamei de plenária com eles, que era abrir uma roda mesmo e falar sobre essas experiências que foram conduzidas que foram gravadas naquele momento. (Trecho de entrevista com a professora Rosa, p. 3, 2014) (Grifos nossos).

Observamos, que o pré-visita, no caso da professora Rosa, foi bem articulado e inclusive o trabalho com o conceito chave do estudo, o que demonstra mobilização de práticas de ensino de história em consonância com metodologias atuais. Percebemos que sua fala possibilita conhecer/entender como os tempos de uma prática educativa e uma educação pela prática são imbricados e focalizam a preparação, o durante – a experiência em si – e pós-visita como estruturação de uma prática educativa pensada e desenvolvida na busca pelas experiências ali mobilizadas. Uma evidência de uma prática educativa a uma educação pela prática e em dialogia conectada com as plenárias, momentos de fala, de circularidade das experiências e mobilizadas, das surpresas vividas no trajeto entre as “janelas” da escola e as “portas” abertas do museu e em direta relação com o pilar investigativo do professor como um intelectual que promove a produção de conhecimento e que o faz na relação com seus educandos, de forma crítica e reflexiva.

Os tempos imbricados da prática estão evidentes no trecho narrado. Houve uma sequência didática, uma preparação em sala de aula, como salientado por Ramos (2004), “de que toda visita se inicia pela sala de aula”. Houve a visita em si e o pós-visita.

As análises das respostas das docentes de história oportunizam visualizar e apreender muito das experiências e práticas pedagógicas vivenciadas e, também,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

oportunizam a percepção do museu como possível obra “aberta” (ECO, 1997) e o livro também, ao demonstrarem as possibilidades de práticas e de reflexões as mais ricas e diversas. Isso porque as apropriações são diversas, o museu com sua grande variedade de objetos em exposição, suas ações educativas e com a disposição expositiva abre essa possibilidade.

Esta reflexão nos remete também aos argumentos de Stephen Greenblatt (1991, p.248) – em seu artigo sobre o novo historicismo: ressonância e encantamento – quando o mesmo afirma que estudar a cultura da Inglaterra do século XVI não significa fugir das perturbações do presente.

Ele afirma que, ao contrário dos críticos do novo historicismo, parecia mais uma intervenção, uma forma de relação. “O fascínio que sobre mim exercia o Renascimento provinha do fato de ele me parecer intensamente ligado ao presente, tanto por analogia como por causalidade.” (Greenblatt, 1991, p. 248).

É nesse mesmo artigo que Greenblatt discorre sobre como entende ou aborda determinadas obras de artes e vestígios visuais e materiais de nosso passado que estão em exibição em galerias e museus. O autor afirma abordar esses suportes de informação pela via do encantamento e não pela via da veneração. Para efeito de sua argumentação, ele trabalha com dois conceitos, o de ressonância e encantamento.

Os conceitos são suportes teóricos para o entendimento do que e como o autor aborda os vestígios e as obras de arte pela via do encantamento. Para efeito de entendimento em nossa pesquisa e na análise do trecho anterior e nos demais, centramos as atenções apenas no conceito de ressonância. O que para Greenblatt seria, [...] o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior e além de seus limites formais, de evocarem quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque. (GREENBLATT, 1991, p. 250).

Ou seja, o museu nessa prática empreendia poderá, via experiência estética de sua materialidade estrutural, de seus objetos e de seu encantamento deslocar o estudante e/ou os estudantes para além de seu mundo. Para além de seus limites formais e possibilitar outras visões e percepções do ensino e do ensino de história. Ou seja, o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

museu, seus objetos e ou experiências poderiam ser considerados uma potente fonte de ressonância.

Professora: Lá no sexto sonho do livro, o autor diz o seguinte: “Nas escavações no fundo da caverna, meu amigo arqueólogo achou um grande número de fósseis de animais, eram duros como pedra, tinham ficado escondidos por milhares de anos. Agora estavam lá, limpos e organizados, nas prateleiras do laboratório”. (Trecho de seminário na escola B, turma B, p. 15, 2014).

Pergunta da professora: Que importância seu grupo viu no trabalho do professor Cartelle e na organização do acervo do museu?

Estudante: Eu acredito que o trabalho do paleontólogo é tão importante para gente, porque se não fosse o trabalho dele, muitas perguntas não seriam respondidas, porque pessoas tem o cabelo bom, outras ruim, porque (inaudível) como isso surgiu? E através desse estudo, a gente pode perceber que isso foram (sic) passando de geração para geração, foram modificações que aconteceram com os seres humanos.

Tem relatos dizem (sic), que a vida começou na África, no início com os estudos dele, a gente pode ver, que tinha (sic) pessoas com características de pessoas que moravam na África, foram passando para Ásia, da Ásia foi passando para América, e nisso se formou a população que é hoje, então eu acho que se não fosse o trabalho deles, muitas perguntas ficariam vagamente (sic). (Trecho de seminário na escola B, turma B, p. 17, 2014) (Grifos nossos).

Essas questões que os suportes epistemológicos que aqui trazemos se materializam quando percebemos a partir da análise desse trecho que é possível identificarmos uma prática da leitura de uma obra diferente do livro didático, de uma prática de visita a ambientes museais e uma prática de proporcionar aos seus educandos momentos de fala, de reflexão para outras questões do conhecimento e do conhecimento histórico. Também podemos conferir ao livro, pelo exposto, a condição de um recurso educativo que se alinhe com o conceito de ressonância de Greenblatt (1991).

De uma noção de processo e de temporalidade também, quando o aluno responde que “[...] através desse estudo, a gente pode perceber que isso foram (sic) passando de geração para geração, foram modificações que aconteceram com os seres humanos”. Ele faz uma análise e apresenta uma compreensão de tempo profunda e que foi proporcionado pela visita ao museu. Também é uma evidência de uma apreensão mais complexa da temporalidade expressa pelos estudantes que participaram dessa prática.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Professora: O Júlio quer ouvir o que vocês vão dizer.

Estudante: Você é da policia?

Professora: Tem cara num tem?

(Trecho de aula na escola A em 28/05/2014, p. 2) (Grifo nosso).

Estudante: Eu tô com vergonha. Eu acho que a visita ao museu, acrescentou muito para gente, porque a gente não tinha essa visão sobre a pré-história, de como era os animais, e tudo mais, foi fundamental lógico. Estou com vergonha. (Trecho do seminário na escola B em 22/09/2014, p. 1) (Grifo nosso).

Vivenciamos muitas surpresas e reflexões nas escolas. Os olhares curiosos e atentos dos educandos, os sorrisos e a disposição em colaborar de cada profissional que me recebeu e que atuam em cada ambiente. Também da curiosidade que foi despertada por estar naquelas salas assistindo e gravando cada momento das aulas e/ou seminários de história, especialmente, no pós-visita. Também nas falas e reflexões impactantes que ouvi dos educandos e de educadores em cada experiência vivenciada. Alguns dessas situações, como a apresentada acima mostram como um estar no campo é/pode ser extremamente importante entender que o outro nos observa assim como nós os observamos.

Apesar dessa observação, cremos que o mais impactante foi que estudante, mesmo na condição de “vergonha”, nos brinda com um relato de sua experiência que se soma a todo o arcabouço teórico-prático da pesquisa, aos outros dados coletados e vai na direção de uma das hipóteses da pesquisa de que muitas práticas educativas são realizadas com grande “sucesso”, causando deslocamentos, provocando reflexões temporais e existenciais e descortinando, como nesse caso, uma noção desconhecida da própria história, presente nesse trecho relatado de que *“a gente não tinha essa visão sobre a pré-história, de como era os animais, e tudo mais, foi fundamental lógico.”* Nos parece que a Pré-história brasileira despertou um conhecimento novo e trouxe mobilizações cognitivas nesses alunos/as do sexto ano.

A fala nos leva a reflexionar o quanto o conceito de ressonância de Greenblatt (1991) nos auxilia a pensarmos essa práxis mediada pelo museu e pela literatura, e mais do que tudo isso, mobilizada por essa docente.

Vejamos mais,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Professora Margarida: Eu acho que toda saída dos meninos de sala de aula já é um aprendizado, porque eu acredito na educação para além dos muros da escola e a oportunidade deles irem a um local onde tem um acervo tão rico igual o museu da PUC.

Eu sempre acreditei que acrescenta e, de fato, acrescentou no feedback que os meninos deram. Muitos não conheciam o acervo do museu, muitos não conheciam o museu e eles trouxeram isso para sala de aula, a vivência que eles tiveram lá. Os objetos que viram, as oficinas que participaram e eu notei uma relação mais próxima com a história a partir do museu. (Trecho de entrevista com a professora Margarida em 8 de outubro de 2014, p. 1) (Grifos nossos).

Professora: Não precisa ficar com vergonha [...]. A conversa que a gente teve com o professor Cartelle o que isso trouxe de novidade para você? (Trecho do seminário na escola B em 22/09/2014, p. 1).

Estudante: Querendo ou não, o que aconteceu antigamente, faz parte da nossa, trajetória mesmo, do nosso conhecimento, da nossa história. (Trecho do seminário na escola B em 22/09/2014, p. 9) (Grifo nosso)

As análises das respostas das docentes de história e os trechos das aulas transcritas acima oportunizam visualizar e apreender muito das experiências e práticas pedagógicas vivenciadas e, também, oportuniza a percepção do museu e o livro também como possível obra “aberta” (ECO, 1997).

Em relação às contribuições do museu, há um realce presente na fala da professora Margarida de que toda saída já é um aprendizado e que seus alunos, a partir dessa experiência, se aproximaram da disciplina. Esses são indícios do retorno conferido pelos próprios estudantes à professora, no momento do pós-visita, e de uma prática a um local que era desconhecido de seus alunos e que atuou de maneira potente para abertura e para outras possibilidades.

Da percepção de uma mudança de postura em sala de aula pela própria docente já durante o processo. A presença do outro na relação professor-aluno e sua disciplina.

Ressaltamos na resposta da docente o museu, seus elementos materiais e possivelmente afetivos, imagéticos e outros que estejam presentes, especialmente quando ela fala da experiência por eles vivenciada, quando do contato com *os objetos que viram e as oficinas que participaram*.

Nesse sentido o museu pode oferecer e oportunizar uma concretude na aprendizagem histórica. Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses (2005, p. 18), “a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

chamada “cultura material” participa decisivamente na produção e reprodução social. [...] Os artefatos, por exemplo, são não apenas produtos, mas vetores de relações sociais.” Ele, o museu, dentro desta lógica, somente se interessa pelos objetos por causa do sentido. E assim ele teria condições de análise e de entendimento e que nenhuma outra plataforma em nossa sociedade se igualaria. (MENESES, 2005, p. 18).

Professora Margarida: Em uma palavra, que relação vocês tem, que (sic) vocês conseguem imaginar, tirar do museu, do documentário que a gente viu, aquele documentário “o mistério do poço azul”

Estudante: É para falar o que a gente achou?

Professora: Não, uma palavra que resume aquele documentário que a gente viu, que a equipe achou fósseis da preguiça gigante, o museu e o livro. Uma palavra. Uma palavra que junta os três.

Estudante: História

Estudante: Arqueologia

Estudante: Conhecimento

Estudante: Fósseis

Estudante: Arqueologia

Estudante: Sabedoria

Estudante: Inteligência

Estudante: Competência

Estudante: Conhecimento

Estudante: Criatividade

Estudante: Imaginação

(Trecho de seminário na escola B – turma D - no dia 22/09/2014, p.9-10) (Grifo nosso).

Nesse outro trecho de aula transcrito, observamos que os sentidos atribuídos pelos estudantes foram muito significativos. Se levarmos em consideração que a professora elaborou uma questão de nível bem complexa e que não estava no roteiro do seminário, as respostas foram muito instigantes para a análise e para a pesquisa.

A provocação da professora exigiu que a resposta fosse formulada em apenas uma palavra. Ou seja, o todo pode formar um uno. Os complexos passos trilhados nesta prática formam uma unidade. Vão além dessa aula, conforme exposto por Zabala (2010, p. 17).

E, mais ainda, para a percepção de que as experiências se alinham muito com os pressupostos de um ensino de história reflexivo, crítico e que busca promover nos estudantes a possibilidade de serem construtores de conhecimento. A dialogia pode ser

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

um dos elementos que levou a professora a perceber a maior aproximação dos seus alunos/as com a disciplina nessa prática interdisciplinar.

Esse tipo de questão que não está respondida no livro, no vídeo e nem na visita, só poderia ser formulada uma resposta após considerações pessoais à luz de conhecimentos dos próprios respondentes é um dos indícios de uma educação pela prática e prática educativa de uma docente que mobiliza muita *expertise*. É de fácil percepção que as atividades, embora tenham focos diferenciados, turmas em idades variadas e em escolas de redes diferentes, buscam desenvolver atividades no momento do pós-visita nas quais o ensino de história não seja um mero amontado de dados e cópias feitas no museu e sobre o museu.

Na escola A, no pós-visita, cada aluno, com sua experiência, sua recepção, que provavelmente foi diferente da de seus colegas, da visita efetivada, foi instigado a escrever e posteriormente partilhar na turma. Falar sobre aquele momento vivido, rememorar as trilhas percorridas e sem a preocupação do certo ou errado. Pois segundo a docente, *“essas questões, elas são pessoais e cada um pode achar uma coisa diferente do outro”*. Ou seja, somos sujeitos em processo, estamos nos conhecendo e vivendo processo da historicidade, aprendendo fazendo e vivendo. Que, segundo Ramos (2004, p. 24) [...] Estudar a história não significa saber o que aconteceu e sim possibilitar a ampliação do nosso conhecimento sobre a nossa própria trajetória.

Da necessária importância de saber que o ser humano é um, sendo campo de possibilidades historicamente condicionado e abertura para mudanças. E ao mesmo tempo uma ação educativa que demonstra como se constrói o fazer historiográfico da história e de seu ensino.

As percepções podem ser diferentes, a experiência, pela fala da docente, esclarece aos educandos, pode se mostrar de maneira diversa. Parece-nos que a história se apresenta ou poderá se apresentar nesse contexto em sua multiplicidade de leituras e interpretações. Ou seja, a experiência e a história não são trabalhadas nessa sala de aula em uma única possibilidade de vivência e interpretação. Podemos afirmar que houve uma experiência historiográfica naquele momento.

Na segunda questão da atividade, a docente instiga mais ainda seus estudantes, ela apresenta a segunda questão que segundo a mesma, *“essa é para pensar mais ainda”*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Muito interessante poder perceber que as docentes mesmo em espaços diferentes e em realidades diversas instigam seus estudantes a sujeitos do fazer. O ensino de história é provocativo de reflexões. O museu e literatura mediando a experiência do ensino da Pré-história brasileira.

Para finalizar teremos uma sequência maior de relatos, aulas e reflexões transcritas para, logo em seguida, concluirmos com algumas considerações.

Professora Margarida: Como eu falei na primeira pergunta a educação está para além dos muros da escola.

Então eu acho que a primeira coisa, você proporcionar ao aluno uma visita a um local cultural, ele saber que ele tem acesso a esse patrimônio, o museu está lá para visitar e eu acho que muitos meninos, principalmente na nossa escola, escola pública, eles só vão a primeira vez ao museu via escola. Então essa apropriação desse espaço público cultural é muito importante para ele mesmo, para ele ver que ele tem outros locais, que ele pode participar e pode aprender para além da escola. Até mesmo porque a escola, ela fica muito engessada em uma aula que ele tem lá em duas horas. É talvez um conteúdo de um ano inteiro, ele está vendo, ele está resignificando.

Eu acho que o ponto mais alto desse trabalho foi a questão do trabalho do arqueólogo, a visita que eles tiveram no laboratório do Cartelle aproximou eles do trabalho científico, então eles viram que não é difícil, não é uma coisa de livro nem de televisão, nem de documentário, tiveram acesso, tocaram nos fósseis e puderam conversar com o Cartelle e isso eu acho que fez muita diferença, porque eles viram que é possível, que não está tão distante deles o conhecimento. (Trecho de entrevista com a professora Margarida em 8 de outubro de 2014, p. 3) (Grifos nossos).

Professora Rosa: A melhor forma de aprender é no diferente, então, eu podia fazer isso mesmo com o texto informativo na sala de aula com estudo dirigido **numa aula expositiva. A experiência do museu com a experiência literária, ela é** muito mais efetiva para a compreensão de um menino especialmente nessa idade que eles ainda estão desenvolvendo essas estruturas cognitivas para realizar abstrações mesmo para ele chegar a níveis de abstração.

A literatura e o museu, eles são formas concretas para ele lidar com essa experiência abstrata que é a história. A história é uma experiência abstrata, então o museu e literatura eles trazem para esses meninos de 11, 12 anos essa possibilidade. (Trecho de entrevista com a professora Rosa em 17 de setembro de 2014, p. 3) (Grifos nossos).

Professora Margarida: Acho que o museu é a história viva, quando você está falando da história no livro, o máximo que o menino vê é uma imagem que tá (sic) ali impressa e ele não pode olhar com um olhar apaixonado, então, assim, eu acho que quando ele vai a um museu, qualquer museu, principalmente museu de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

história e ele vê uma coisa que pertenceu ao passado, eu acho que isso muda o olhar dele que muita vezes é um olhar viciado só em gravuras, só em revistas, só em livros didáticos, acho que amplia muito o conhecimento dele essa visualização e algumas vezes até o tocar, o que eu acho uma coisa interessante lá do museu da PUC que os meninos puderam tocar a réplica da Luzia, quiseram tocar os fósseis. Acho que esse toque, ele faz muita diferença, quiseram fotografar e puderam fotografar. Então eles interagiram muito diretamente com o museu. (Trecho de entrevista com a professora Margarida em 8 de outubro de 2014, p. 4) (Grifos nossos).

Professora Rosa: Sim, tudo que vocês fazem é avaliado.

Isso aqui dois momentos (sic) o primeiro momento escrever, boca fechada, sem um dar palpite para outro, segundo momento nós vamos dividir as ideias é o momento da plenária.

Então, antes de vocês começarem a parte da escrita eu vou explicar cada item das perguntas, das questões, para gente poder acompanhar.

Parou. Todo mundo acompanhando as quatro questões. Leo, sem conversa, agora é o momento do silêncio.

No dia 23 do 4 de 2014 fizemos uma excursão no museu de Ciências Naturais da PUC Minas, nessa ocasião tivemos oportunidade de conhecer o acervo e o sobre o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores do museu. Vamos relembrar nossas experiências respondendo as questões abaixo e essas questões, elas são pessoais e cada um pode achar uma coisa diferente do outro.

Número um, identifique cinco conhecimentos, ou informações que você aprendeu lá no museu. Essas cinco coisas, vocês observaram que eu pus cinco itens.

(Trecho de aula na escola A no dia 28/05/2014, p. 4)

Professora Margarida: Esse conteúdo, ele é pouco trabalhado principalmente por mim que trabalha no 3º ciclo que é o 7º, 8º e 9º ano, então a gente não trabalha a pré-história e no momento que foi apresentado esse projeto a gente abraçou mesmo. Eu e a professora de literatura, uma oportunidade, uma extensão mesmo com o conteúdo, trabalhar algo palpável, uma coisa pouco trabalhada para eles, é uma coisa muito distante.

Então foi uma oportunidade muito grande e eu acho que eles, muitos desconheciam mesmo essa questão da pré-história brasileira, algo que estava muito distante da história deles, então eu acho que foi um incentivador. Foi assim, a questão da gente ir ao museu, de trazer essa discussão pra sala de aula. (Trecho de entrevista com a professora Margarida em 8 de outubro de 2014, p. 3)

Professora Margarida: A gente aqui na escola tem uma parceria muito grande com a literatura, é uma professora que se dispõe a dar esse material e a gente faz um trabalho já há quatro anos, literatura e história. Então, todo assunto que a história está trabalhando a gente elege alguns para trabalhar com a seleção de livros pra literatura.

Então esse ano a gente trabalha a parte do livro, parte da proposta do livro [...], o nosso foco com três turmas foi o livro do Cartelle e eles leram o livro e fizeram todas as análises literárias a partir do livro e na história a gente tentando dar um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

embasamento teórico sobre o cenário retratado no livro e o museu, para poder puxar esse gancho mais concreto da literatura e da história.

Então o que eu percebi, que muitos meninos não iam ao museu e tinham começado a ler o livro e após ir ao museu, quando eles leram o livro eles tinham outra visão, eles conseguiram imaginar, por exemplo, a questão do cerrado, toda a descrição do cerrado eles remeteram ao museu e também a questão dos fósseis, a questão de tudo isso, então essa nossa discussão a partir do livro ela foi muito rica e eu acredito que pra muitos meninos fez uma diferença muito grande e muitos falaram que querem ser pesquisadores (Trecho de entrevista com a professora Margarida em 8 de outubro de 2014, p. 2)

A análise das falas das docentes expressam, de certa maneira, muitas das questões por elas desenvolvidas em suas práticas. Apresenta também o processo ensino-aprendizagem efetivado e que as mesmas promovem práticas com uma grande percepção do porque estão fazendo.

Também foi possível percebermos nas falas questões que envolvem o direito à cidadania, o direito à cidade, do usufruto do patrimônio e uma ampliação da percepção do aprender em outros ambientes não formais ou extra-formais.

Foi possível percebermos que a marca destas questões ultrapassam o trabalho com a literatura para o mero complemento e para além de uma simples ilustração. Embora, ilustrar, como no caso de estudantes do sexto ano faça muita diferença no processo ensino-aprendizagem.

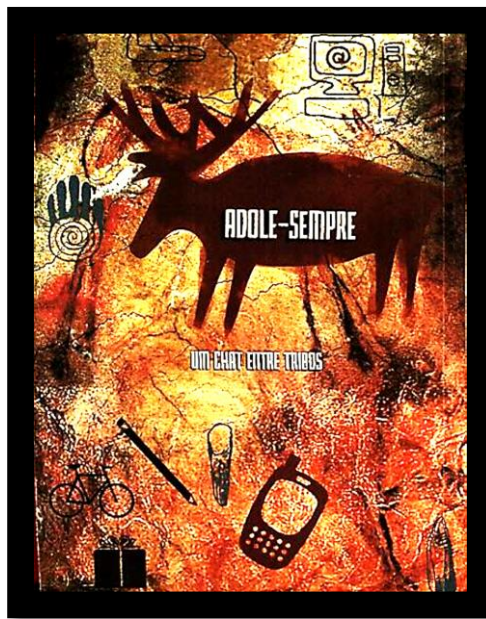
A imaginação, destaque presente na fala da professora Margarida, instigada pela literatura pode ser percebida ou entendida como elemento dentro da prática desenvolvida e dos tempos dessa prática: pré-visita, visita e no pós-visita, como quesito fundamental a uma educação por meio dos museus.

Foi perceptível como o trabalho interdisciplinar foi propício e frutífero, pois dele, posteriormente, foi confeccionado um livro que foi premiado pela Secretaria de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte em um concurso municipal. Propício porque rompe com ideia estanque de disciplinas isoladas e que não dialogam entre si, como se a vida fosse vivida em caixinhas distintas. Segundo, porque oportunizou a alunos carentes da rede Municipal escreverem, serem autores/as, terem vozes, serem valorizados com suas ideias, sua arte e suas formas de expressão.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O livro *Adole- sempre: um chat entre tribos* foi um projeto desenvolvido pelas docentes de História e Literatura/Inglês, com participação do professor de Artes, e que tem relação direta com o trabalho realizado com o livro: *Os meninos da planície: história de um Brasil antigo*.

O livro foi desenvolvido pensando em um projeto da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte denominado de Jornada Literária. O objetivo do projeto é despertar nos jovens o protagonismo e autoria de trabalhos.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Temos diante de nós exemplos de como uma educação pela prática pode ser tornar uma prática educativa que nos desloque no tempo, no espaço e nos permita termos nossa própria trajetória, enquanto grupo humano, como fonte de pesquisa e reflexão. Perceber o quanto práticas críticas e reflexivas estão sendo mobilizadas na educação básica, o quanto professores, professoras e estudantes produzem saberes.

Também foi perceptível como a visita ao museu da PUC-Minas não foi visto ou trabalhando com uma visita deslocada da práxis pedagógica. De como o livro e o museu foram conectados e estiveram presentes no pós-visita de maneira marcante. Ou seja, é perceptível uma sequência didática bem elaborada, uma clara compreensão de processo educativo mobilizado pelas docentes e pelas escolas.

Por fim, mostrou-se o quanto as questões sensíveis do museu impactaram as relações entre docentes-discentes, assim como a questão estética dos objetos tocáveis,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

das fotos tiradas, do encantamento e das reverberações que nos parecem presentes ao tempo presente e não a um suposto passado distante e morto.

Referências bibliográficas

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

GREENBLATT, Stephen. **O novo historicismo: ressonância e encantamento**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n.8, 1991, p. 244-261.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Do Teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. V. p.9-42 jan./dez. 1994.

_____. **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL Diana Gonçalves. (Orgs.). *Museus: do gabinete de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentum; Brasília: DF, 2005. p 15-84.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu e o ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2010